

**Pedro Duarte**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

## Ensaio, o corpo vivo da filosofia

Essa comunicação sustentará a hipótese de que o ensaio dá corpo à linguagem e assume tal exercício como forma de ser da filosofia. Na medida em que o caráter metafísico da tradição filosófica costumou priorizar o espírito sobre o corpo, isso explica que o ensaio tenha sido geralmente marginalizado por essa história. Seu autor encena a si próprio enquanto "eu" enunciador, para o qual as palavras são o próprio corpo do pensamento, não apenas a roupa que ele veste. Desse modo, o ensaio contrariava dois princípios metafísicos: a elisão do eu que escreve como a condição da verdade abstrata geral ou sua auto-exibição como uma confirmação da verdade particular específica; e a concepção instrumental da linguagem, para a qual o pensamento existiria a priori na mente ou no intelecto do sujeito. Logo, o ensaio seria uma encenação do eu na escrita: expresso não através da linguagem, mas como linguagem. Walter Benjamin destacava que esse tipo de texto deveria se confrontar, a cada vez, com a questão da sua apresentação literária. Ou seja, o conteúdo está junto com a forma, tal como o espírito junto com o corpo. Não por acaso, Jean Starobinski observou que os ensaios daquele que foi o "pai" moderno dessa forma ainda no século XVI, Michel de Montaigne, são o fruto da resistência que o mundo lhe fez no corpo – e que o seu objetivo era tocar o leitor na carne. O ensaio buscava, assim, pensar diferentemente do que se pensa, e não doutrinar algum tipo de verdade, conforme pontuou Michel Foucault, que por isso o definiu como o "corpo vivo da filosofia".

---